



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel
www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br
www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

PROFETISMO COM COMITÊ EDITORIAL

Marcos Roberto Inhauser

Profeta é intérprete da história. É pessoa que busca nela a mão de Deus e Sua ação, que denuncia injustiças, que desmascara falsos pastores, que aponta para o futuro sonhando com dias melhores. Profeta é aquele que exercita a “ante-retro-oculatra”, ou seja, que olha o que tem diante de si com os olhos no passado, buscando nele as lições para que não se erre novamente no presente e no futuro, porque entende que esquecer a história é correr o risco de errar no presente.

É altamente significativo que a Bíblia fale dos atos de Deus interpretados pelos profetas que buscaram nela a justiça de Deus. É a interpretação histórica dos atos passados que nos ilumina para seguir adiante. Se a Bíblia fosse um compêndio de Teologia Sistemática ou uma simples coleção de regras religiosas, talvez não tivesse sobrevivido aos tempos.

A função profética é árdua em vários aspectos. O é por seu uma tentativa de entender o que já passou e isto implica no risco de nem sempre estarem certos nas suas interpretações, mesmo os mais inspirados. O que hoje temos na Bíblia é a coleção das interpretações corretas que fizeram.

O segundo perigo é que ela desmistifica a interpretação oficial da história. Ser profeta é ver a história desde a ótica da justiça, desde o ponto de vista dos excluídos. Ser profeta é, pois, interpretar a história de uma forma que não agrada aos poderosos, é falar contra o discurso dominante. O profeta apresenta uma versão alternativa dos fatos, e quase sempre ela considerada uma “sub-versão”.

Em terceiro lugar, ser profeta é buscar, com palavras e símbolos, transformar a história. Se o passado fala de violência, destruição, massacre, uso indevido da religião, idolatria, quais palavras o profeta deve usar para que as pessoas se conscientizem? Pode o discurso profético ser uma peça de “oratória diplomática”? Seria o diplomata um bom profeta?

Poderia ou deveria o profeta submeter seus discursos a um comitê que o aprovasse antes de pronunciá-lo em público? O que teria acontecido com os profetas bíblicos, especialmente Jeremias, Malaquias, Oséias e Amós se tivessem submetido seus sermões a um comitê prévio de aprovação? Teriam eles sido pregados? Se Jesus tivesse pedido a opinião dos discípulos ou dos religiosos de sua época, você acha que teria chamado a Herodes de “raposa”?

O que chama a atenção é a quantidade de políticos que, sentindo-se ameaçados com as vozes proféticas que denunciam seus atos injustos, corruptos ou antiéticos, saem a público pedindo que os profetas, antes de falarem, se acertem com eles. Qual rei dos tempos bíblicos não gostaria que os profetas editassem seus discursos com eles antes de irem às portas do templo para denunciar? Mas estes se esquecem que a função profética não é agência de publicidade nem trabalha com marketing pessoal de quem quer que seja. O verdadeiro profeta não tem compromisso nem com sua própria imagem, porque deve obediência à sua vocação. Em nome da fidelidade prefere as iras às glórias humanas.